



LÍNGUAS DESATADAS: A RESISTÊNCIA AO
SILÊNCIO COLOCADA EM CENA PELO CINEASTA
ESTADUNIDENSE MARLON RIGGS

TONGUES UNTIED: THE RESISTANCE TO SILENCE
STAGED BY AMERICAN FILMMAKER MARLON RIGGS

Fábio Ávila ARCANJO¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: fabioarcanjo1981@hotmail.com





RESUMO

O presente artigo objetiva analisar o documentário *Línguas desatadas*, lançado nos cinemas em 1989 e dirigido por Marlon Riggs, que além de cineasta foi poeta e ativista dos direitos civis da comunidade LGBTQ+. A nominalização da produção fílmica indica o inimigo a ser combatido por uma coletividade duplamente estigmatizada (homossexual e negra): o opressor silêncio. O nosso principal eixo de análise gira em torno do mecanismo de construção identitária, com destaque para a construção e desconstrução das imagens de si e do outro, além dos movimentos de *atração e rejeição* (CHARAUDEAU, 2015). Um dos pontos a serem discutidos em nosso texto é o procedimento de discursivização, realizado pelo documentário, da ação do silêncio, que implica no processo de naturalização do alheamento enfrentado por membros da comunidade, da qual faz parte Marlon Riggs, criando uma espécie de *adesão dóxica* (BOURDIEU, 2012).


PALAVRAS-CHAVE

identidade; documentário; silêncio; homossexualidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the documentary *Tongues untied*, shown in cinemas in 1989 and directed by Marlon Riggs, who besides filmmaker was poet and civil rights activist of the community LGBTQ+. The nominalization of film production indicates the enemy to be combated by a doubly stigmatized collectivity (homosexual and black): the oppressor silence. Our main axis of





analysis is the identity construction mechanism, highlighting the construction and deconstruction of the images of oneself and the other, as well as the *attraction* and *rejection* movements (CHARAUDEAU, 2015). One of the points to be discussed in our text is the discursivization procedure, made by the documentary, of the action of silence, which implies the process of naturalization of alienation faced by members of the community, of which is part Marlon Riggs, creating a kind of *doxic adhesión* (BOURDIEU, 2012).

KEYWORDS

identity; documentary; silence; homosexuality.


1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma inquietação impulsionada pela potência discursiva de um documentário cuja marca proeminente é a resistência. Qual seria, diante disso, o antagonismo acionado pela produção fílmica? Quem seria o alvo da mencionada resistência? É possível ensaiar algumas respostas. Em primeiro lugar, temos a desigualdade social, que impossibilita a ascensão e a livre expressão de determinados grupos, colocados à margem por uma lógica pautada pelo lucro e pelo silenciamento das diferenças. Conforme aponta o pesquisador estadunidense Bill Nichols, “as ideologias entram em jogo para proporcionar histórias, imagens e mitos que promovem um conjunto de valores em detrimento de outros” (NICHOLS, 2014, p. 181). Significa apontar, portanto, que há uma seleção e uma promoção que privilegiaria determinados enfoques. Nessa perspectiva, o modalizador *em detrimento*, presente no excerto anterior, revela esse estado de coisas.



Em segundo lugar, é importante destacar o papel da intolerância e do preconceito, que seriam consequências da desigualdade social, no sentido de haver uma naturalização de valores e crenças, permitindo a inscrição de pontos de vista marcados pelo apagamento programático. “As dificuldades agravam-se quando a crença numa ideia falsa parece ser partilhada por todos os membros de um grupo, e mesmo de uma sociedade: quando ela é *coletiva*” (BOUDON, 1995, p. 18). O que seriam as ideias falsas mencionadas pelo sociólogo francês Raymond Boudon? Elas seriam materializações da intolerância, segundo a qual as minorias são inferiores e atrapalham a circulação dos valores almejados por uma classe dominante. “Inseridos num sistema de crenças, que se pretende valorizar aos olhos de todos, alguns valores podem ser tratados como fatos ou verdades” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 85).

Façamos uma aplicação do fragmento anterior: um dos valores mais proeminentes na sociedade gira em torno da família tradicional. O documentário de Marlon Riggs, contemplado em nosso artigo, é voltado para a comunidade negra homossexual. *Línguas desatadas* mobiliza a ação de um grupo marginalizado, dado que seus anseios e desejos são silenciados por um valor opressor, qual seja o valor de família. É aqui que entra o ponto nevrálgico a ser discutido em nosso texto e que julgamos fulcral para examinar o funcionamento discursivo da produção fílmica, pois somos, de fato, apresentados à tese defendida pelo cineasta e ativista de direitos humanos Marlon Riggs: é preciso resistir contra o silêncio. O que se percebe, diante disso, é o acionamento de uma modalidade deôntica, em que a resistência precisa ser ativa, uma vez que o silêncio, e isso é repetido reiteradas vezes na produção fílmica, oprime e sufoca.



Isto posto, o presente artigo terá dois eixos pertinentes: o primeiro diz respeito à identidade, no qual discutiremos os sistemas de *rejeição* e *atração* acionados pelos, nomeados por Patrick Charaudeau (2015), *imaginários socioculturais*. Ainda nesse eixo, voltaremos o nosso olhar para o procedimento de discursivização operado por documentários que primam em discutir questões políticas e sociais. O último tópico a ser discutido, pensando em questões identitárias, diz respeito à disputa memorialística, na qual o movimento de resistência, e o trabalho de Marlon Riggs é exemplo disso, seria um contradiscurso, em relação a uma memória marcada por valores e crenças caracterizados pela intolerância. O segundo eixo está vinculado à construção das imagens de si e do outro. Para tanto, voltaremos o nosso olhar para a materialidade do texto fílmico, analisando as estratégias adotadas pelo documentarista. Contudo, embora não possamos desconsiderar as categorias relacionadas à linguagem cinematográfica, e reiteramos que elas serão contempladas, o nosso olhar será mais detidamente direcionado para a linguagem verbal, na qual há a expressa materialização da dissonância observada por Marlon Riggs.

2. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Iniciemos a nossa discussão com uma asserção oferecida pelo supracitado teórico Bill Nichols, porquanto ela nos permitirá desenvolver uma discussão a respeito da relação existente entre o procedimento de enunciação fílmica e a configuração do enunciado.

A política do filme e dos videodocumentários aborda as maneiras pelas quais o documentário ajuda a dar expressão tangível aos valores e crenças, que constroem, ou contestam, formas específicas



de pertença social, ou comunidade, num determinado tempo e lugar (NICHOLS, 2014, p. 181-182).

Duas questões são interessantes para serem consideradas. Em primeiro lugar, é preciso tomar certos cuidados com o anacronismo, que poderia emergir caso o documentário em questão fosse analisado levando em consideração os valores que circulam na contemporaneidade, afinal de contas há um distanciamento temporal de mais de trinta anos. Em segundo lugar, e aqui justificamos a relevância desse trabalho, é possível atestar que as lutas travadas nessas mais de três décadas ainda ressoam na contemporaneidade, levando em consideração a emergência de posicionamentos políticos marcado pelo extremismo e pelo totalitarismo.

Diante disso, façamos o resgate das condições que impulsionaram a construção de uma produção fílmica como *Línguas desatadas*. Estamos falando do final dos anos 1980 e início da década de 1990, momento no qual a AIDS fazia inúmeras vítimas, sendo Marlon Riggs um dos que acabaram sucumbindo ao vírus, em 1994. O que temos nesses anos é um ponto de inflexão, no qual o cinema documentário acaba se constituindo como um eixo de resistência, com o acionamento de uma lógica narrativa nomeada por Bill Nichols de *nós falamos de nós para eles*. Para o pesquisador estadunidense, esse dispositivo teria adquirido uma inflexão nova, “que se propagou para diversos cantos esquecidos da vida social, da experiência das mulheres à dos afro-americanos, dos asiáticos-americanos, dos americanos nativos, dos latinos, dos *gays* e das lésbicas” (NICHOLS, 2014, p. 193).

Esse estado de coisas emerge por intermédio do incremento de manifestações políticas de cunho identitário, voltadas para a contemplação dos anseios, valores e crenças cultuados por grupos marginalizados e excluídos.

Temos, dessa maneira, a possibilidade de manifestação de contradiscursos que, longe de terem sido impulsionados pelo *status quo*, foram solidificados mediante lutas coletivas, que visavam a “recuperar histórias e revelar identidades que os mitos, ou as ideologias, da unidade nacional negaram” (NICHOLS, 2014, p. 193).

Assim sendo, atestamos a presença de uma relação interdiscursiva, no sentido de que *Línguas desatadas* se posiciona em um universo de compartilhamento de crenças. Esse universo é instável, em razão de existirem diversas lutas travadas por minorias e os documentários – gênero marcado, segundo João Moreira Salles (2005), pela volatilidade no que tange à padronização da linguagem – discursivizam, de distintas formas, as causas defendidas por esses grupos.

Citemos algumas produções fílmicas anteriores ao documentário contemplado em nosso artigo e que, de alguma forma, contribuíram para oferecer condições de produção para o trabalho de Marlon Riggs. Bill Nichols assevera que o procedimento de conferir visibilidade a determinadas identidades foi mais proeminente nas questões relacionadas à sexualidade e gênero. O movimento feminista, por exemplo, trouxe consigo algumas obras fílmicas significativas, tais como *Jani's Janie* (1971), de Geri Ashur; *Growing up female* (1974), de Julia Reichert e Jim Klein; *Union maids* (1976), de Julia Reichert, Jim Klein e Miles Mogelescu; e *The life and times of Rosie the riveter* (1980), de Connie Field.

O pesquisador estadunidense observa que esses documentários feministas possuem pontos de contato com as produções fílmicas documentais dos primeiros movimentos de *gays* e *lésbicas*. Entre esses filmes, “encontramos obras que examinam a experiência da opressão, recuperam histórias perdidas



e desenham linhas de mudança” (NICHOLS, 2014, p. 195). Alguns exemplares acabam sendo célebres, como, por exemplo, *Word is out: story of some of our lives* (1977), uma obra coletiva que traz como um dos realizadores o premiado cineasta Rob Epstein; *Before Stonewall: the making of a gay and lesbian community* (1984), de Greta Schiller e Robert Rosenberg; *The times of Harvey Milk* (1984), de Rob Epstein, ganhador do *Academy awards* de melhor documentário, que narra a vida do primeiro congressista americano, abertamente gay que foi assassinado em 1978; e *Paris is Burning* (1990), de Jennie Livingston, contemporâneo a *Línguas desatadas*, e que apresenta a performatividade² como ponto de contato em relação ao trabalho de Marlon Riggs.

O que objetivamos demonstrar nesse tópico é que a organização de obras filmicas se mostra atrelada aos valores, crenças e imaginários circulantes, influenciando no procedimento de enunciação fílmica. O que vemos em filmes como *Línguas desatadas* é a discursivização das lutas travadas por minorias, que almejam o reconhecimento identitário. É justamente a questão da identidade que será discutida no próximo tópico.

3. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E AS LUTAS DOS EXCLUÍDOS

Para iniciarmos as discussões, é fundamental convocar a noção de *alteridade*, uma vez que as relações humanas são constituídas por meio de dinâmicas intersubjetivas. Tais relações são encenadas em três domínios, observados por Charaudeau (2015) e circunscritos à dimensão languageira,

² Segundo Bill Nichols, “(...) o documentário performático mistura livremente as técnicas expressivas que dão textura e densidade à ficção (planos de ponto de vista, números musicais, representações de estados subjetivos da mente, retrocessos, fotogramas congelados etc.) com técnicas oratórias, para tratar das questões sociais que nem a ciência nem a razão conseguem resolver” (NICHOLS, 2014, p. 173).



que, segundo o mesmo autor, está no cerne da construção individual e coletiva do sujeito. O primeiro domínio é o da *socialização*, cuja marca é o estabelecimento de uma relação de si com o outro; o segundo domínio é o do *pensamento*, relacionado à dimensão da cognição, segundo o qual “extraímos o mundo de sua realidade empírica para fazê-lo significar” (CHARAUDEAU, 2015, p. 13). Por fim, temos o domínio dos *valores*, supramencionado em nosso texto, cujo funcionamento é similar ao de um repositório, no qual temos um arsenal de argumentos a serem utilizados pelos sujeitos.

Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 84).

Ao trazermos a metáfora dos valores como sendo repositórios, não estamos, de forma alguma, preconizando uma liberdade de escolha dos sujeitos. O que acontece é justamente o contrário e o excerto retirado do *tratado da argumentação: a nova retórica* nos impele a compreender que existe uma relação imperativa. Como consequência da imposição de determinados pontos de vista, ancorados em valores vigentes, temos a naturalização.

Bourdieu (2012) apresenta duas implicações, retiradas do postulado teórico de Edmund Husserl: *atitude natural e experiência dóxica*. De acordo com o sociólogo francês, tal “experiência apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2012, p. 17). O que temos, portanto, é uma relação de forças, uma espécie de batalha simbólica, na qual as minorias,



cujos valores não se inscrevem na *doxa*, necessitam se adequar a um padrão pré-estabelecido, sob o risco de serem alocadas na condição de proscricção.

O princípio da alteridade implica na relação que se estabelece com o outro. Mas quem é esse *outro*? Em *Línguas desatadas*, por exemplo, temos o acionamento de algumas categorias subjetivas: a primeira é formada por aqueles que são partícipes de uma condição privilegiada – o homem branco e heterossexual; a segunda é composta por aqueles que, embora façam parte de uma minoria – os negros –, oprimem os homossexuais afro-americanos, por acreditarem que eles enfraquecem a imagem de virilidade, projetada para impulsionar as lutas contra a classe dominante; a terceira classe é formada pelos negros que se silenciam, isto é, que acabam se submetendo à lógica conservadora, em voga nas sociedades marcadas pela intolerância.

Por últimos, temos a quarta e última categoria que é constituída por aqueles homossexuais negros que não se calam perante os estigmas e preconceitos. É válido destacar que estamos falando de uma estigmatização que se mostra mais evidenciada “quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a ‘discrição’ ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor” (BOURDIEU, 2012, p. 144).

O quadro traçado até o presente momento evidencia um cenário de confronto, no qual se posicionam imbricadas a memória e a identidade. É fundamental evocar o conceito de *memória coletiva* (Halbwachs, 2003), cuja marca é aglutinar e homogeneizar memórias individuais. Parafraseando o autor supramencionado, o que seria da ordem da lembrança – uma instância na qual o senso comum poderia inscrever na esfera da individualidade – é resgatado por terceiros, mesmo que estejamos falando de experiências solitárias. Há, em vista disso, “uma lógica de percepção que se impõe ao



grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2003, p. 61).

O que almejamos evidenciar, com os excertos anteriores, é o procedimento de silenciamento imposto, às vezes sub-repticiamente, por aqueles que detêm os dispositivos de poder. Quando se adentra na esfera da *memória coletiva*, o que se nota é o esfacelamento identitário de grupos considerados indesejados. As lutas de comunidades estigmatizadas acabam sendo ocultadas por uma circulação de valores das classes dominantes, isto é, as memórias individuais são dissolvidas em uma coletividade. E o que temos, diante disso, é um fenômeno de *guetização* (Bourdieu, 2012). O excerto precedente possui um estrito ponto de contato com a mensagem transmitida por Marlon Riggs em seu documentário:

O objetivo de todo movimento de subversão simbólica é operar um trabalho de destruição e construção simbólicas visando a impor novas categorias de percepção e de avaliação, de modo a construir um grupo, ou, mais radicalmente, a destruir o princípio mesmo de divisão segundo o qual são produzidos não só o grupo estigmatizante, como também o grupo estigmatizado. Este trabalho, os homossexuais estão particularmente armados para realizar: eles podem pôr a serviço do universalismo, sobretudo nas lutas subversivas, as vantagens ligadas ao particularismo (BOURDIEU, 2012, p. 148).

O que se busca é a reversão da naturalização, com a organização de novas categorias cognitivas. Essa *subversão simbólica* se daria não por uma revolução silenciosa, mas pela intervenção de uma tomada de posição, que privilegia componentes identitários do grupo excluído. Há uma postura que precisa ser combatida e Marlon Riggs não se furta em explicitá-la: “Atribuía-me identidades das quais nunca reclamei. Refugiei-me. Muito



rápido, muito forte, nas profundezas de mim mesmo, onde reinava a paz, em silêncio, seguro. Que decepção!” (RIGGS, 1989). Essa fala é amparada pela ferramenta cinematográfica do *fade-out*³, que visaria a discursivizar o apagamento identitário daqueles que se submetem às regras impostas.

Em Charaudeau (2015), encontramos alguns apontamentos significativos que dizem respeito aos mecanismos de construção identitária. O linguista francês chama a atenção para dois movimentos: *atração* e *rejeição*. O primeiro teria relação com o sentimento de partilha, de convivência entre contrários, no sentido de que a diferença contribuiria para a percepção identitária do ser humano. Nessa perspectiva, “descobrir que existe o diferente de si é descobrir-se incompleto, imperfeito, inacabado” (CHARAUDEAU, 2015, p. 19). Trata-se, aqui, de um ponto de vista idealizado, pois as diferenças seriam acolhidas, ao invés de repelidas. É deveras complexo imaginar um quadro como esse, quando estamos diante, por exemplo, de uma minoria estigmatizada como os homossexuais negros. O que parece existir são iniciativas individualizadas, que, mesmo marcadas por essa aceitação do outro, não implicam na reversão da naturalização, isto é, não têm o instrumental suficiente para interditar a *adesão dóxica*.

O segundo movimento é construído mediante um julgamento negativo, sendo o outro percebido como uma ameaça. Pensando, a título de exemplo, em um valor cultuado pela sociedade conservadora, o da família tradicional, inferimos que a homossexualidade, levando em consideração o funcionamento desse valor, é vista como uma afronta. Pensando, ainda, no interior de uma comunidade estigmatizada – os negros –, há ainda um valor circulante, e

³ Desaparecimento gradativo da imagem. É um efeito de transição entre as cenas, sendo o ponto limítrofe entre elas a escuridão.



isso é expresso reiteradas vezes no filme de Marlon Riggs: a virilidade. “São necessários negros robustos para fortificar o povo negro. Os homossexuais não contribuem. Reforçam a crise” (RIGGS, 1989). Não haveria espaço para os homossexuais nessa luta, a menos que eles criem personas que anulem a sua identidade, pois a homossexualidade expressa e evidenciada é considerada uma ameaça, ela *reforça a crise*.

Deste modo, para Patrick Charaudeau, “a identidade se constrói [...] segundo um *princípio de alteridade*, que põe em relação, em jogos sutis de atração e rejeição, o *mesmo* e o *outro*, os quais se autoidentificam de maneira dialética” (CHARAUDEAU, 2015, p. 20). A diferença é que em nosso estudo de caso não estamos lidando com *jogos sutis*, mas, ao contrário, o que temos, aqui, é um cenário turbulento, no qual o movimento da *rejeição*, longe de contribuir para a composição identitária, acaba impulsionando o silenciamento de identidades proscritas.

Encerrando as contribuições oferecidas por Patrick Charaudeau (2015), é oportuno apresentar uma discussão a respeito de quatro ordens subjacentes aos efeitos do duplo movimento de *atração e rejeição*. Nesse particular, salientaremos a postura de determinados grupos por meio da inscrição desses movimentos. Façamos apenas um importante arranjo. O linguista francês não está lidando com aquilo que Bourdieu (2012) nomeia de *subversão simbólica*. Não há, em seu texto, a preocupação com identidades esfaceladas devido ao *status quo*. O que faremos, assim sendo, é adaptar suas categorizações para melhor examinarmos o funcionamento discursivo de *Línguas desatadas*.

A primeira ordem é a *inclinação do grupo para si mesmo*, calcado na proteção de valores, cuja lógica é estabelecer oposição a um cenário de



potencial ameaça à identidade. Esse fechamento dentro de suas fronteiras contribui para o desenvolvimento da mencionada *guetização*, isto é, teríamos um alheamento que dificultaria a criação de novas categorias cognitivas. Nessa visada, detectamos uma espécie de resistência passiva.

Na segunda ordem – *a abertura do grupo para os outros* –, Charaudeau (2015) enfatiza uma abertura às influências externas. De nossa parte, pensando no *corpus* analisado no presente artigo, tal abertura seria impulsionada pela *subversão simbólica*. Há, portanto, a saída dessa *guetização*, isto é, a resistência teria potencial para modificar o estado de coisas. Ela é ativa e o grande adversário do grupo é o silêncio e a submissão. Essa abertura do grupo visaria a uma tomada de posição, em que identidades silenciadas emergem, ganham voz e dão vazão para a emoção da *indignação*. De acordo com a pesquisadora brasileira Helcira Lima (2018) tal emoção se assenta em valores e julgamentos morais, colocando em cena um opressor e um oprimido. A autora observa que em seu acionamento há “a imputação de uma culpa, porém nela não há desejo de vingança, mas sim um desejo de proferir um grito” (LIMA, 2018, p. 102).

A terceira ordem – *dominação de um grupo pelo outro* – tem plena implicação com o esfacelamento identitário. Nesse mecanismo, notamos com exatidão a inscrição do silenciamento e essa dominação, levando em consideração as lutas de grupos minoritários, se dá mediante uma violência simbólica. Pierre Bourdieu (2012) observa que o caráter ilusório, segundo o qual a consciência e vontade podem superar a violência simbólica, se dá pelo fato de que “os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (BOURDIEU, 2012, p. 51).



Por fim, a última ordem é a da *mescla do grupo*, na qual há uma retroalimentação originária do contato entre duas comunidades. Conforme salientamos na tratativa concedida ao movimento da *atração*, essa mescla seria, na relação interdiscursiva subjacente ao documentário de Marlon Riggs, uma idealização. É certo que algumas evoluções foram obtidas ao longo dos anos, contudo estamos distantes – e *Línguas desatadas* se mostra ainda mais distanciado (trinta anos) – da naturalização de um convívio respeitoso. Isso se dá, principalmente, pela escalada de posicionamentos políticos – não deixa de ser um alento a derrota de Donald Trump nas eleições de 2020 – marcados pelo viés da intolerância e do preconceito.

4. LÍNGUAS DESATADAS E A RESISTÊNCIA ATIVA FRENTE AO SILÊNCIO

Nas cenas iniciais de *Línguas desatadas*, há uma espécie de convocação, em que uma fórmula é proferida repetidas vezes: “de irmão para irmão” (*brother to brother*). O que parece haver, com essa estratégia, é a preparação de um contradiscurso. Veronika Koller (2009), em artigo dedicado às lutas travadas pelo feminismo⁴, atesta a incidência de um separatismo (e isso é o efeito de sentido de uma asserção como *de irmão para irmão*) em que se instaura uma sociedade paralela. Aqui, temos aplicação da *inclinação do grupo para si mesmo*, porém, no filme de Marlon Riggs, esse componente possui um funcionamento preambular, uma vez que a *abertura do grupo para os outros* se dará através de uma resistência ativa. Segundo Koller, “esta sociedade paralela deveria

⁴ Nesse artigo, Veronika Koller lida com uma diretriz particular do movimento feminista, pautada pelo *separatismo lésbico*. A autora estabelece uma leitura comparativa entre o início dessa diretriz, nos anos de 1970, e a recorrência dele nos anos de 1990.



comportar um contradiscurso, fornecendo o poder para as mulheres que dela participam” (KOLLER, 2009, p. 7, tradução nossa⁵).

Trouxemos esse fragmento para asseverar a necessidade, expressa por grupos minoritários e excluídos, de obtenção de uma posição de protagonismo, exercendo, dessa forma, a resistência proativa. Contudo, mesmo em se tratando de movimentos marcados por uma radiografia de similitudes, no que diz respeito aos sofrimentos, lutas e anseios, não se pode atestar a ocorrência de uniformidade e homogeneidade, e isso é uma particularidade da circulação de identidades coletivas. Veronika Koller, corroborando com o nosso ponto, observa que “[...] as identidades coletivas não se desenvolvem de maneira linear e que a construção negativa do exogrupo não tem necessidade de ser interligada pela construção positiva do endogrupo” (KOLLER, 2009, p. 15, tradução nossa⁶).

O que se pretende levantar é a existência de uma autocrítica no seio do grupo, isto é, há uma construção da imagem de si marcada pelo rigor e pela criticidade. É importante destacar que a principal luta de *Línguas desatadas* é travada na interioridade, isto é, na dinâmica de funcionamento do endogrupo. O alvo principal é a submissão, que encontra materialidade no silêncio.

O silêncio é meu escudo. Oprime. O silêncio é minha máscara. Sufoca. O silêncio é minha espada. Tem dois gumes. O silêncio é a arma mais mortal. Que herança há no silêncio? Quantas vidas perdidas... Que futuro há em nosso silêncio? Quantas vidas perdidas... Sua força seduz. Este

⁵ No original: “Cette contre-société devait comporter un contre-discours donnant du pouvoir aux femmes qui y participaient”.

⁶ No original: “[...] les identité collectives ne se développent pas de manière linéaire et que la construction négative de l'exogroupe n'a pas besoin d'être correlée par la construction positive de l'endogroupe”.



silêncio. Vencê-lo! Nosso silêncio! Desatar as línguas! Testemunhar!
Dominando o silêncio, querido! Juntos? Agora? (RIGGS, 1989).

O fragmento anterior possui uma estrutura de manifesto. Há uma incitação a ação. Embora não tenhamos itens lexicais que evidenciam o caráter imperativo, a modalidade deôntica é apresentada por meio de uma argumentação construída pelo vínculo causal (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Há, nesse excerto, a presença do agente causador – o silêncio opressor – e as consequências de sua ação – “quantas vidas perdidas...”. Podemos notar, ainda, os fins, que se materializam em uma estrutura discursiva do manifesto. Esses fins são discursivizados mediante a elipse da modalidade deôntica: “[É imperativo] desatar as línguas”; “[É imperativo] testemunhar”; “[É imperativo] dominar o silêncio”. No final da citação, há a construção da imagem de si, qual seja a de sujeitos corajosos, que lutam por um ideal e que juntos possuem condições para dominar esse silêncio.

Uma questão que nos parece interessante de ser problematizada diz respeito à discursivização desse silêncio no fio do discurso fílmico. Como lidar com ele e o que há por trás de sua ação? Nesse particular, a linguista brasileira Eni Orlandi vem em nosso auxílio, já que ela estabelece uma relação entre a censura (artifício de políticas de estado que visam ao silenciamento) e o apagamento identitário. Para a autora, “a situação típica da censura traduz exatamente esta asfixia: ela é a interdição manifesta da circulação do sujeito, pela decisão de um poder de palavra fortemente regulado [...]. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito” (ORLANDI, 1997, p. 81).

É indispensável salientar que *Línguas desatadas* não lida, diretamente, com o acionamento da censura como um dispositivo lançado mão por governos autoritários. O teor crítico da produção fílmica vai além dessa discussão, e



para tanto, o postulado teórico de Eni Orlandi se mostra relevante, ao lidar com a noção de silenciamento atrelada a uma política do sentido. O que é nomeado pela pesquisadora de *política do silêncio* traz consigo duas formas de existência: o *silêncio constitutivo* e o *silêncio local*.

O primeiro teria relação com a ideia de um *silêncio fundante*, segundo o qual ele seria o “indício de uma totalidade significativa. [...] não é do silêncio em sua qualidade física de que estamos falando, mas do silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significante” (ORLANDI, 1997, p. 70). Daí a ideia de *silêncio constitutivo*, inerente à linguagem, e que fornece indícios de possibilidades para a circulação dos dizeres. O segundo está relacionado à política de estado, com o acionamento de uma interdição explícita e programática do dizer.

A nosso ver, a primeira forma de existência se revela mais relevante para analisar o trabalho de Marlon Riggs, uma vez que ela possui uma vinculação com a naturalização e com a *adesão dóxica*. Na produção fílmica em questão, há um proferimento impactante: “O silêncio possibilita suportar, esconder o quanto minha vida é desvalorizada a cada dia” (RIGGS, 1989). Essa desvalorização é fruto desse procedimento de naturalização, em que valores negativos acabam sendo imputados para grupos minoritários e excluídos.

Esse silêncio acaba sendo, em um segundo momento, uma autoimposição, e aqui estamos falando do silêncio enquanto “qualidade física”, visto que os elementos dóxicos circulantes interditam a inscrição identitária desses sujeitos. Afirmamos que essa “submissão” seria um segundo momento, pois o primeiro momento é a inerente constituição desse horizonte de interdição. A questão que se coloca é que esse apagamento identitário suscita a emergência da emoção da indignação, a partir do momento que esses

sujeitos estigmatizados adquirem consciência desse estado de opressão. Em *Línguas desatadas*, vemos isso de forma explícita:

Conheço a raiva em mim como a batida do meu coração e o gosto da minha saliva. É mais fácil ter raiva do que ferir. Irritar-me é o melhor que faço. É mais fácil ficar furioso do que se emocionar. É mais fácil me crucificar em você do que aceitar o universo ameaçador dos brancos ao admitir que vale a pena se desejar mutuamente (RIGGS, 1989).

É possível perceber que nesse fragmento, há uma plena ressonância em relação ao que foi problematizado por Lima (2018). Essa ideia de “proferir um grito” é materializada no documentário, que discursiva essa raiva através de um discurso militante. Yana Grinshpun (2019), em uma tratativa similar à desenvolvida por Helcira Lima, afirma que “a indignação possui uma base racional, inscrita sob a avaliação de uma situação, mas ela pode, igualmente, repousar em uma cólera irracional” (GRINSHPUN, 2019, p. 11, tradução nossa⁷). A questão a ser problematizada: há, de fato, uma irracionalidade em *Línguas desatadas*, ou o que é materializado no documentário é a externalização racional da *indignação*? Responder explicitamente tal questão implicaria em uma desaconselhada tomada de posição por parte do analista. Contudo, a própria organização do trabalho de Marlon Riggs fornece ferramentas para ensaiar uma resposta, uma vez que há, ali, a construção da imagem do outro, como sendo aquele que perpetua os estigmas e naturaliza a intolerância.

Suas piadas, seus risos, formam um coro de desprezo. Cada piada nos diminui um pouco mais. Permaneceremos silenciosos. Às vezes, nos juntamos no riso, como se pensássemos lá dentro de nós que

⁷ No original: “L’indignation peut en effet, avoir une base rationnelle, reposant sur une évaluation de la situation, mais elle peut également reposer sur la colère irraisonnée”.



somos os maiores vilões entre os vilões. Nada honrará seu nome, seu amor, sua vida, sua humanidade, além de você mesmo. Ninguém o salvará, além de você mesmo. Seu silêncio custa caro. Seu silêncio é um suicídio (RIGGS, 1989).

Esse proferimento surge como resposta a um show de *stand up* realizado por um célebre ator, que tem como ponto de contato com os *atores sociais*⁸ de *Línguas desatadas*, o fato de ser negro. Estamos falando de Eddie Murphy. Marlon Riggs seleciona alguns fragmentos marcantes do mencionado show, sendo o momento mais impactante aquele no qual Eddie Murphy pede, caso existam homossexuais na plateia, para não desejarem o seu corpo. Há duas questões aí: a primeira diz respeito à criação de uma imagem dos homossexuais como sendo promíscuos. A segunda, aí já é um movimento do documentário, diz respeito a criação de uma imagem no seio de uma comunidade minoritária, segundo a qual mesmo um grupo estigmatizado, e a comunidade negra o é, há espaço para intolerância. O filme discute a dificuldade de coexistência dessas duas condições: “Uma bicha estaria no mesmo barco político, seríamos irmãos! Para que eu aceite seu parentesco, que escolha: negro ou viado! Uma bicha não é um modelo a se imitar” (RIGGS, 1989).

O que se percebe é a construção da imagem do outro, que se dá mediante a explicitação da circulação de discursos cujos valores são marcados pela intolerância. Ao mesmo tempo, há um combate travado contra a submissão e o silenciamento. É interessante notar que o documentário volta o olhar

⁸ Somos sabedores de que esse conceito é passível de trazer algum tipo de ambiguidade, pelo fato dele ser empregado em diversos domínios teóricos, entre os quais, a sociologia e a história. Estamos empregando essa terminologia, amparados por Nichols (2014), para identificar as “personagens” das produções fílmicas do gênero documentário.



para aquilo que Veronika Koler nomeia como *endogrupo*. Ora, parece paradoxal esse *outro* estar inserido no interior do próprio grupo. Porém, e aqui está o elemento-chave de compreensão dos efeitos de sentido almejados pelo cineasta estadunidense, o que se busca é uma autocrítica. O cerne é perceber que a construção negativa da imagem daqueles que compõe o *exogrupo* não implica na construção positiva do *endogrupo*, já que este, muitas vezes, naturalizam estigmas e perpetuam preconceitos (o *stand up* de Eddie Murphy é um ótimo exemplo).

Outro ponto é que dentro desse *endogrupo* existem rupturas: as lutas da comunidade negra e da comunidade homossexuais não convivem de forma harmoniosa – “Para que eu aceite seu parentesco, que escolha: negro ou viado!” – e mesmo entre a comunidade homossexual há rupturas, cisões. *Línguas desatadas* não se furta em demonstrar isso:

Algo mancava em meu paraíso gay, em mim. Mas tentava ignorá-los. Estava decidido a encontrar o meu modelo. Meu amor, minha afirmação. Nos olhos azuis, castanhos, verdes. Eu descobri algo que não esperava, e décadas de decidida assimilação não tinham escondido de meus olhos. Nesta grande Meca gay, eu era um homem invisível, não tinha nem sombra, nem substância, nem lugar, nem história, nem reflexo. Era um alien invisível, invisível, inadequado. Aqui, como na escola, eu continuei sendo um negro. Abandonei um bairro gay de São Francisco, lá não era minha casa, minha Meca. Fui em busca de um lugar melhor (RIGGS, 1989).

No exceto destacado, percebemos uma realidade combatida no seio da comunidade homossexual, que seria a existência de uma padronização comportamental e estética. O proferimento diz respeito à busca por um biótipo tido como desejável – “estava decidido a encontrar o meu modelo. Nos olhos azuis, castanhos, verdes”. O que se percebe, e o ator social



responsável pelo proferimento deixa isso claro, é o quão fútil é essa busca por uma suposta perfeição, pois ela acaba implicando em um algo como uma exclusão dentro da exclusão.

A consequência desse cenário de supressão é o alheamento do sujeito e a supressão de sua identidade. O responsável pelo proferimento antecedente é um negro que internalizou essa padronização, acreditando que o modelo almejado seria um homem branco, atleta, de cabelos azuis, castanhos e verdes. Não que esse tipo de caracterização não possa pertencer a sujeitos engajados politicamente, do contrário estaríamos apontando outro tipo de exclusão, no entanto, o que *Línguas desatadas* discute é a naturalização de um processo de padronização. Isso acabaria implicando em um artificialismo, que esvaziaria a luta pela construção identitária. Há um trecho marcante no fragmento destacado, que corrobora com essa ideia de atomização da identidade: “Nesta grande Meca gay, eu era um homem invisível, não tinha nem sombra, nem substância, nem lugar, nem história, nem reflexo. Era um alien invisível, invisível, inadequado” (RIGGS, 1989).

O que podemos destacar é um movimento de dissonância, sendo a tomada de consciência o primeiro passo para a busca de uma libertação – “Fui em busca de um lugar melhor”. O segundo momento seria a reversão dessa naturalização, que se dá em atos concretos e considerados revolucionários, sendo o principal deles o rompimento com o silêncio, com a submissão e com a aceitação de uma condição de inferioridade imposta externamente. O que o documentário de Marlon Riggs procura valorizar é a identidade de uma comunidade estigmatizada. Para tanto, há a evidenciada expressão daquele que seria o verdadeiro ponto de chegada: “Homens negros amam homens negros – eis um ato revolucionário” (RIGGS, 1989).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, nos parece válido apresentar um fragmento que identifica consequências e implicações originárias desse mecanismo de esfacelamento identitário:

'O que se vê no outro para virar os olhos? Evitamos nos olhar para não ver a raiva e a tristeza comum? Vejo a minha dor refletida em seus olhos. Nossas raivas são ressaltadas no outro como os balões que lançamos nas festas que não são nossos (RIGGS, 1989).

Com o fragmento anterior, percebemos a existência da submissão e da aceitação de uma condição imposta externamente. Tais implicações emergem em uma dinâmica do compartilhamento, isto é, há uma naturalização dessa condição de inferioridade que se revela o ponto fulcral na discussão empreendida em *Línguas desatadas*. Os efeitos de sentido presentes no documentário emergem na linguagem verbal e nas ferramentas da linguagem cinematográfica, em que Marlon Riggs lança mão de sobreposição de imagens e de vozes, além de imagens de fundo que estabelecem um diálogo com o que é proferido pelos *atores sociais*. Vemos um entrelaçamento das imagens de violência e de escárnio, que servem para justificar a *indignação* discursivizada pelo documentário.

O epílogo da obra fílmica identifica a mensagem central, atrelada à orientação quanto ao comportamento e conduta a serem seguidos por membros do grupo. A mensagem emerge no refrão de uma música que diz: “baby, saia sem máscaras essa noite”, que se inscreve amparada por imagens de fundo, na qual vemos manifestações públicas em defesa da identidade gay e negra. O que se pode afirmar, para concluir nossa análise, é que a



metáfora dos balões lançados em festas dos outros precisa ser revertida, dando lugar para a materialização de “festas” na qual o que se vê é a legítima presença de grupos outrora marginalizados, mas que mudaram o status através das lutas coletivas.

REFERÊNCIAS

BOUDON, R. **O justo e o verdadeiro**: ensaios sobre a objectividade dos valores e do conhecimento. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.


BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. Trad. Clebson Luiz de Brito e Wander Emediato de Souza. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (orgs.). **Discurso e desigualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13-29.

GRINSHPUN, Y. **De la victime à la victimisation: la construction d'un dispositif discursif**. *Argumentation et Analyse du Discours*. Disponível em <http://journals.openedition.org/aad/3400>. Acesso em: 13 nov. 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2015.

KOLLER, V. Analyser une identité collective en discours: acteurs sociaux et contextes. Trad. Adèle Peticlerc e Philippe Schepens. **Semen**, 27, 2009. Disponível em <http://journals.openedition.org/semem/8676>. Acesso em: 11 nov. 2020.



LIMA, H. Emoções e representações de si: a propósito da indignação e do embaraço. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (orgs). Belo Horizonte: UFMG, 2018.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário. Trad.Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2014.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. Tratado da argumentação: a nova retórica. Trad. Maria Ermentina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SALLES, J. M. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; CAIUBY, S. N. (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2005.

FILMOGRAFIA

RIGGS, Marlon. *Línguas desatadas* (1989), Estados Unidos, cor, 55 min.